

Grotesco ~ UM gótico Épico

por GE Graven



Capítulo VI



Meias de banco, dispostas lado a lado, alinhavam-se na periferia do refeitório. Atrás delas As mesas formavam fileiras paralelas de pilares maciços com arcobotantes e nervuras que se estendiam contra o alto teto abobadado como garras profanas. Uma fileira de caldeirões de ferro maciços centralizava o salão, suas brasas infernais afastando um frio perpétuo. Um punhado de monges permanecia no salão, após terminarem suas refeições, sussurrando os últimos rumores sobre os confrontos diários entre os frades residentes, os escudeiros e os soldados indesejados que pareciam guardar cada porta e canto da Abadia. Ivan havia pegado uma tigela de ensopado de peixe e pão da mesa, deixado o pequeno grupo e saído do refeitório, quando um Frei Odino ofegante quase o atropelou.

"Odino! Quase deixei cair", repreendeu Ivan. "Onde você estava?!" Odino seguiu o olhar crítico de Ivan até a manga da camisa dele, suja com respingos de ensopado de peixe. Odino recuperou o fôlego. "Perdoe-me, Ivan. Precisamos conversar. Agora." Odino o conduziu até o canto externo do prédio.

"Sobre?"

"O novo Cardeal pretende abrir a Pedra do Portal!" sussurrou Odino. Ivan recostou-se, incrédulo, com os olhos semicerrados. "Digo a verdade."

“Para o vinho um pouco cedo?”

“Você precisa acreditar em mim.”

“Odino, sairemos da Abadia em breve. Não preciso de esporas.”

“Ivan! Eu não estou bêbado, nem estou te incentivando. Eu ouvi isso por acaso — foram as próprias palavras dele.”

Ivan ignorou seus protestos. “Maravilha. Agora talvez eu deva levar a Lázaro o que sobrou de sua comida.”

Ivan tentou sair, mas Odino o segurou firmemente pelo braço.

“Ivan!”

“Odino?”

“Esses soldados *não* são guardas papais. Nem sequer são de Avignon! O Capitão Bourne é da Guarda Real — ele recebe ordens de Sua Majestade, o Rei Filipe. Eu lhes digo — eu os ouvi conversando!”

Ivan levou a mão à manga. “Por favor, solte meu braço.” Odino obedeceu. “Agora, conte-nos o que você ouviu”, disse Ivan, esfregando o braço.

“Eu estava embaixo da janela da casa de banhos. Lá dentro, ouvi o Abade Masson e o Capitão.”

A discussão girava em torno dos mantimentos restantes para alimentar os homens do Capitão. O Capitão ameaçou deixar a Abadia quando o Abade prometeu que em breve abriria o Portão de Pedra. O Capitão concedeu um prazo de três dias. O Abade concordou.

“O quê?! Você está brincando”, questionou Ivan com o rosto contorcido. “Eles vieram para—”

Odino sacudiu o ombro de Ivan, exigindo atenção máxima. “E tem mais! Clodius Greville e Grate vão ajudá-lo. E você sabe, eles sabem disso — o método para remover a pedra angular do altar. Eles já concordaram em instruir o Cardeal, Ivan!”

“Por que eles concordariam com isso? Não faz sentido nenhum.”

“Mas isso *beneficia* Clodius, já que ele tem cortejado o Cardeal para obter nossos cargos de chefia em troca de sua ajuda. E o Cardeal concordou que Clodius e Greville se tornem os novos supervisores das catacumbas, caso o Cardeal seja bem-sucedido.”

“Mas de que adianta ao Cardeal abrir a Pedra do Portal? Que bem pode advir disso—”

“Para usá-la como arma contra os ingleses. Pelo que ouvi, parece que ele pretende invocar espíritos dela — para enviá-los contra os homens do Rei Eduardo em Crécy. Eu presumo.”

Até mesmo Sua Majestade, o Rei Filipe, está envolvido nisso, mas suspeito que Sua Santidade não saiba de nada.

É um pesadelo — tudo isso — parece tão irreal!

Ivan refletiu. “De fato, explica. Isso demonstra por que nenhum de nós tem permissão para sair dos portões da Abadia — e por que há tantos soldados.”

“E os guardas apreendendo a correspondência”, acrescentou Odino.

Ivan esfregou a bochecha. "Meu Deus, isto é grave; horrível."

“E quanto a Lázaro? Ele terá que se apresentar a Clódio. Lembre-o de falar com Miguel, o encapuzado?”

Ivan recordou-se de seis anos antes, quando Clódio exigiu que Miguel tirasse o capuz na frente dos outros escudeiros. Embora o Abade Vonig sempre tivesse permitido que os meninos deformados usassem capuzes para proteger sua dignidade, Clódio havia tomado a iniciativa. Quando Ivan soube disso, ficou furioso; e se Odino não estivesse presente para impedi-lo, teria agredido Clódio. Ivan havia advertido Clódio para que não tocasse nos capuzes que costurara para Miguel, Thateus e, principalmente, Lázaro — o ressentimento persistia.

“Se o Cardeal abrir a Pedra Fundamental, não haverá catacumbas para supervisionar — nem mesmo uma Abadia”, ponderou Ivan em voz alta. “Preciso tirar Lázaro daqui — talvez na véspera de amanhã. Você vem conosco?”

“Sim, mas como podemos viajar?”

“Ainda há um carrinho de suprimentos vazio ao lado dos estábulos?”

“O Capitão mandou guardar os estábulos desde a morte de Festoneau. Não podemos chegar perto da carroça. E talvez tenhamos sorte de fugir com um único cavalo, sem sermos perseguidos.”

Ivan olhou fixamente para o terreno. "Parece que não temos outra alternativa a não ser ir embora a pé."

“A aldeia mais próxima é Murat, e fica a mais de uma hora de caminhada. O sol nascerá sobre Lázaro antes que nós—”

“Lembram-se da caverna que o Frei Nicolau nos mostrou *há alguns anos* — ele a chama de Boca da Montanha?”

“Sim, é algo profundo e sombrio!”

Ivan olhou para o céu. “Então, Boca da Montanha. Fica exatamente a oeste daqui. As estrelas podem nos guiar; e a lua deve iluminar nosso caminho. Vou preparar Lázaro. Veja o que você consegue encontrar nas cozinhas — para nós três. E traga o suficiente — mesmo que seja apenas um pouco.” Um exército de três homens viaja sobre o estômago. Depressa, antes que os soldados sejam servidos e nada mais reste.

"Sim."

“E três odres de água, os grandes. Levem todos para as catacumbas. Cuidado para não serem vistos com os suprimentos. Escondam-nos. E Odino — nem uma palavra a ninguém — pelo amor de Lázaro. Ninguém deve saber. Eu entendo o que Nicolau significa para você.”

“Não se preocupe. Eu sei.”

“E se você for detido, devemos partir por conta própria. Lázaro deve ser levado embora de

aqui imediatamente.”

“Com toda a certeza. E levarei os mantimentos para Mountain Mouth amanhã, ou logo depois.”

Eles se separaram, Ivan marchando em direção às catacumbas e Odino se esgueirando para as cozinhas do refeitório. Só então Frei Greville escapou de trás do canto do refeitório. Ele lançou olhares penetrantes na direção de cada um deles e então correu para o escritório do Abade.

Ivan caminhou apressadamente pelo corredor das catacumbas com uma pequena tigela na mão e entrou em uma sala. Lázaro estava ao lado de uma mesa, de costas para Ivan, embrulhando uma tocha nova e colocando-a sobre ela. em uma grande pilha de tochas já preparadas.

“Já tenho quase todos, frade. Preciso de mais tecido para terminar”, afirmou Lázaro. Ele se virou e Ivan estava de frente. Dois buracos vazios para os olhos caíram sobre a tigela de ensopado.

“Deixe isso. Venha comer”, disse Ivan. Ele se virou e saiu com a tigela. Lázaro o seguiu. Eles continuaram adentrando as catacumbas, afastando-se do quarto de Lázaro, onde ele normalmente tomava seu ensopado.

“Frei, para onde vamos?”

“Venha, filho. Precisamos conversar a sós.” Lázaro o seguiu, percorrendo túneis sinuosos. Ivan parou à porta da cripta de Baston, um túmulo escavado e batizado em homenagem ao Bispo Claire Baston, antigo Abade de Gardiens de três séculos atrás. Com um estalo e um giro, Ivan destrancou a porta, e ele e Lázaro entraram.

Ivan entregou a tigela a Lázaro e acendeu as velas da cripta. Nas paredes leste e sul, em fileiras de sete múmias, jaziam longitudinalmente em nichos de sessenta centímetros de largura. Um crucifixo de madeira simples estava pendurado contra uma parede lisa a oeste. No centro da sala, havia uma mesa de meditação rústica de madeira; e ao lado da porta, uma estreita mesa para velas. Lázaro colocou a tigela sobre a mesa e sentou-se em um banquinho. Ivan aproximou-se e sentou-se em um banquinho em frente a ele. “Peixe e pão. Sim, principalmente pão, mas você precisa comer. Resta pouco no refeitório.” “Sim, Frei”, resmungou Lázaro, reclamando consigo mesmo. Ele havia passado a detestar o pão, o alimento básico e amanhecido da Abadia, mais destinado a inchar o estômago do que a saciar a fome. Carne era muito mais agradável — especialmente peixe. E em frequentes ocasiões, quando o pedaço de O pão em sua tigela de jantar noturna parecia excepcionalmente grande, e ele refletiu consigo mesmo que “um rapaz fidalgo não vive só de pão”, acrescentando um toque irreverente às palavras das escrituras que conhecia de cor.

“Pode me chamar de pai agora, Lázaro.” Lázaro ergueu os olhos e encontrou Ivan.

sorria. Quando estavam a sós, Ivan sempre permitia que Lázaro o chamasse de pai.

“Sim, pai” , respondeu ele, abrindo a boca no peixe.

“Partiremos da Abadia na véspera de amanhã, filho.”

Lázaro ficou paralisado. Uma onda de excitação explodiu dentro dele, e Lázaro examinou o rosto do pai para confirmar o que ouvira.

“Sim, Frei Odino vem conosco.”

Lázaro levantou-se de um salto, contornou a mesa e abraçou um monge corpulento e de porte avantajado com seus bracinhos.

Ivan o abraçou e deu-lhe um tapinha, soltando uma risadinha. "Coma agora. Temos pouco tempo."

Ivan o incentivou a voltar para sua tigela. Com renovado vigor, Lázaro devorou sua refeição.

“Espinhas de peixe são implacáveis, Lázaro”, pregou Ivan.

“Sim, pai.” Lázaro comeu devagar e com cuidado, tentando conter o turbilhão de emoções que o invadia, mas sem muito sucesso.

“Quero que tragam água do Poço depois da refeição. Suas vestes e capuzes precisam ser lavados.”

Então, uma perturbação, como uma lufada de ar frio, interrompeu seus pensamentos.

Lázaro voltou o olhar para a porta — para a origem do frio mental.

“Eles devem estar secos quando nós... como é mesmo?” perguntou Ivan, com a voz aparentemente abafada e distante.

Lázaro podia sentir — algo do lado de fora da porta, algo completamente novo, mas instintivamente... familiar. Um transe o engoliu, levando embora tudo, exceto a visão, a audição e o olfato.

“Alguém vem?” Ivan sussurrou. As suspeitas de Lázaro estavam corretas. Ele ouviu a porta.

estalos e crepitações, como se algo muito grande estivesse se apoiando cada vez mais pesadamente contra ele.

Ivan caminhou até a porta e encostou o ombro nela. A porta se recusou a abrir.

"Quem está além da porta, Lázaro?", sussurrou Ivan.

“A porta se fecha sozinha.”

“Não, Lázaro. Use seus ouvidos. Quantos existem por aí?”

“Não se ouviam passos, nem sussurros de roupas. E não ouço respirações — não há ninguém lá fora”, disse Lázaro. Ivan bufou.

“Pai, preciso confessar uma coisa”, sussurrou Lázaro.

"O que é?"

“Na outra noite, quando a Pedra do Portal gritou—” Lázaro olhou para baixo.

“Diga logo, Lázaro.”

“Eu, bem... em minha mente... ouvi a Pedra do Portal. Ela afirmava ser minha Mãe — que viria me visitar.”

“Você falou com—?!”

“Perdoe-me, Frei. Eu apenas—”

“Mãe de Deus! Lázaro, você nos colocou em grande perigo.” Ivan esfregou o rosto e começou a andar de um lado para o outro freneticamente no quarto.

“Eu não reuni – e você me proibiu de falar –”

“Não fale mais nisso. Esvazie sua mente. Vamos embora agora.”

“Sim, Frei.”

Um zumbido semelhante ao de gafanhotos quebrou o silêncio. Pai e filho olharam ao redor do quarto.

O lamento estridente aumentou de volume até o de dez gafanhotos — depois cem. Cada vez mais alto.

Lázaro sentou-se, tapou os ouvidos com as mãos e deixou a cabeça cair sobre a mesa.

Os olhos arregalados de Ivan percorreram o cômodo. Na parede oeste, sob a cruz de madeira, o

As pedras começaram a inchar como a barriga de uma mulher grávida. A cruz caiu no chão

com um estrondo. Os blocos se desprenderam da parede, juntando-se e formando um amontoado.

forma anatômica. A aberração então assumiu a forma alterada de uma mulher nua com

longos cabelos ruivos e olhos completamente negros. A introdução semelhante a um

gafanhoto desapareceu e a mulher avançou com o mesmo sorriso hediondo que transformou

Frei Festoneau em uma múmia infrutífera.

Lázaro destapou os ouvidos e ergueu a cabeça. Diante dele estava Madre Lucifael — ele podia sentir a

verdade sendo revelada. Lázaro se viu olhando para os círculos carmesins de seus seios. E eles o

encaravam como olhos arregalados e horrorizados.

"Vire-se, Lázaro!", ordenou Ivan. Lázaro jogou a cabeça sobre a mesa novamente.

“ "Ora, padre, por acaso sou tão feia assim? Não te agradei, meu querido?", perguntou ela com uma voz que lembrava a de muitas mulheres.

“Nos deixa. Não aqui.”

“Você não contou ao Eljo sobre a mãe dele?”

“Você não tem respeito? Ele é apenas um menino. Em nome de Deus, mulher, vá embora.”

“É preciso me cumprimentar assim? Veja o que eu lhe dei?” Eles olharam para Lázaro e voltaram a olhar para ele.

“Ele pertence a Deus.”

Ela sorriu, inclinou-se e abriu os braços: "Ora, ora. Venha para sua Mãe, Lázaro. Você me chamou e aqui estou, para você. Abrace sua Mãe, filho."

Lázaro ergueu a cabeça lentamente e encontrou novamente os seios dela, soltos e fartos. Os gêmeos balançavam graciosamente sob ela.

“Lázaro!” Ivan o repreendeu.

Lázaro baixou a cabeça e falou para a tigela de comida: “Ela entra em meus pensamentos, Frei. Eu sinto

Ela... Ela não está respirando... não está viva."

"Eu imploro que pare", suplicou Ivan.

Lázaro balançou a cabeça e dirigiu-se novamente à tigela: "Por que você está fazendo isso?"

"Deixem-no em paz! Ele não passa de um menino!", berrou Ivan.

Lucifael se levantou e retrucou a Ivan: "Você não manda em *nada*, besta. Cale a boca, para que ela não lhe arranque os olhos para sempre."

Ivan parou diante de Lázaro e cuspiu: "E você não ordena nada sem o Deus Todo-Poderoso."

Ela o encarou com seus olhos negros; "Não me provoque, besta."

Lázaro ergueu os olhos novamente. Por cima de Ivan, ele podia ver metade de sua nudez. Como toda grotesca, ela também não tinha umbigo. Seus olhos percorreram sua barriga pálida e pararam entre suas coxas. Ela se virou ligeiramente, permitindo que Lázaro a visse por completo. O pecado o aquecia. Suas veias fervilhavam com aquilo. Ela sorriu.

"Servo impuro, em nome de Cristo nosso Senhor que te prende, vá embora."

Lucifael riu e retrucou Ivan: "Servo? Acorrentado? Escuta a sabedoria, besta. Fui eu quem acorrentou o teu Cristo, o julgou e o açoitou. Fui eu quem cravou os pregos nele." mãos e pés. Fui eu quem lhe abriu o lado, zombou dele e o coroou rei com espinhos quebradiços. Fui eu quem o testou e quem me testemunhou. Fui eu quem o esmagou como um inseto indefeso nas páginas da eternidade, criando a própria fé que agora você afirma abraçar. Não sou um servo preso, caro homem santo. Testemunhe-me como Jesus e assim como Lázaro faz."

Ivan seguiu o olhar dela; Lázaro a encarava, mais uma vez.

"Lázaro!" Ivan o repreendeu, obstruindo ainda mais sua visão. Lázaro baixou a cabeça, cobrindo a máscara com as mãos. Ela ergueu o rosto para o teto e encheu a sala com mil risadas macabras.

Então ela falou: "Meu Eljo é muito mais homem do que você, e ele não é homem nenhum."

"Eu te ordeno, diabo, em nome do Santíssimo Senhor e de Cristo, saia deste lugar de
"Meu Deus!" gritou Ivan.

Ela mudou a voz — falando como Ivan: "Não sou mais um homem de Deus do que uma pedra nestas paredes. Lázaro é fruto da minha luxúria aprisionada — o pecado do meu lombo infiel e desertor."

"Lázaro, tape os ouvidos!" gritou Ivan por cima da voz imitada. Lázaro obedeceu.

Ela continuou a falar por ele: "Ele me lembra diariamente, sem palavras. Lázaro está se afogando na minha própria culpa. Quando o vejo, vejo a mim mesma. Impus minha fé a ele."

Ele — não por *ele*, mas por *mim*. Ele sofrerá as dores da justiça, assim como a minha culpa as sofreria. Com o tempo, Lázaro se afogará completamente, lavando os meus pecados, e eu serei purificado.”

“Basta! Em nome de Deus, suma da nossa frente!”, berrou Ivan.

Lucifael restaurou a voz dela ao tom anterior: “Talvez você devesse se afogar na sua própria culpa e deixar Lázaro se afogar na dele.”

Das fendas das múmias — de trás de cada cadáver, uma maré de ratos invadia a sala. Centenas deles jorraram dos buracos, um mar fervilhante de pelos negros. Um fedor emanava de seus pelos oleosos e doentios, sugando todo o ar respirável do cômodo. A vela apagou sua chama e a cripta mergulhou na escuridão. As pupilas de Lázaro se arregalaram e se desprenderam. As camadas de sombras apenas para ele descobrir sua mãe sorrindo para ele com um sorriso tímido, seus olhos negros brilhantes ainda mais negros que a escuridão entre eles.

Os ratos irromperam em bandos. Olhos esbugalhados, dentes arrebitados e rangentes, garras afiadas como agulhas e caudas cinzentas chicoteando cobriam cada centímetro do chão. Suas garras imundas tilintavam e arranhavam o chão como as patas de um milhão de escorpiões. Seus guinchos se misturavam em um só e eles se contorciam em uma massa raivosa. Os roedores invadiram as sandálias de Ivan e Subiram pela parte interna de sua túnica. Arranharam-no e roeram-no. Ivan gritou, arrancando tufo inteiros. Ele desabou no chão e o oceano negro da pestilência o afogou, consumindo sua carne.

Subitamente, o silêncio tomou conta do cômodo, com Ivan se debatendo no chão vazio. A Mulher estava de pé sobre ele, rindo. A ilusão havia desaparecido, mas a dor lancinante da carne dilacerada permanecia. Lázaro lutou para ajudar Ivan a se levantar. Ivan rolou de lado e vomitou. Lázaro se levantou e arrancou a máscara. Passou por cima de Ivan e a desafiou, sibilando, com as orelhas para trás e os grossos caninos à mostra. A testa dela se franziu e ela inclinou brevemente a cabeça, como um cachorro confuso. Então, saltou para a frente, rosnando, e deu um tapa em Lázaro, arremessando-o contra uma das cavidades da múmia. **e caiu inconsciente.**

Ela se abaixou e puxou a cabeça dele para cima com um punhado de cabelo. Ela sussurrou no ouvido de Ivan... Voz de muitas mulheres: “Saibam a quem dar testemunho. Prestem atenção: em um campo que é meu, a pedra não é para vocês se maravilharem; eu não sou para vocês se maravilharem; o Eljo não é para vocês se maravilharem.” E aquele que passa e se intromete em destinos que não lhe pertencem é semelhante a quem pega um dragão pela cauda.

Ela baixou a cabeça dele, levantou-se e continuou suas blasfêmias: “Em verdade, testemunhem-me, como

Jesus fez isso. Eu sou Lucifael, Anjo dos anjos, líder de legiões, e com direito legítimo àquilo que você jamais poderá obter. Se você já não fosse meu, eu acabaria com você aqui mesmo e Agora. Fique fora dos meus assuntos, besta.” Ivan arquejou e caiu inconsciente.

Ela se virou e, no zumbido de mil gafanhotos, atravessou a parede. E um silêncio pairou sobre a sala escura como piche — um silêncio sepulcral, próprio de qualquer cripta.

~*~

Frei Odino atravessou o pátio arrastando os pés com toda a fingida indiferença que conseguiu reunir, depois de ter escondido provisões roubadas para cerca de cinco dias no dormitório dos monges. Ele entrou sorrateiramente pela entrada lateral do edifício que abrigava a entrada das catacumbas. No corredor principal, ouviu soldados entrarem pela entrada da frente. A voz rouca do Capitão Bourne ressoou por cima do estrondo dos passos e do tilintar das armaduras de metal: "Os três: o alto, o gordo e o escudeiro mascarado!" Procurem em todos os túneis, em todas as criptas! Se os encontrarem, levem-nos para a casa de banhos e informem-me imediatamente!

“Sim, capitão”, respondeu uma voz.

“Agora, para o dormitório. Vocês, homens, venham comigo.”

Odino mergulhou nas sombras de um arco profundo enquanto os soldados dividiam as fileiras. Uma coluna seguia por um corredor que levava às catacumbas. Bourne se afastou com o restante; eles marcharam direto para Odino. Odino encolheu a barriga, se acomodou num canto e prendeu a respiração. A poucos centímetros dele, quase dava para contar os fios de cabelo, soldado após soldado passou por ele e saiu do prédio.

Odino escapou deles às pressas e saiu pela entrada lateral, com olhares por toda parte. Ele se sentia nu — um porco reluzente enjaulado com duzentos lobos famintos. Escapou para a noite e se escondeu atrás de uma fileira de arbustos perenes junto ao muro externo da Abadia, espiando por entre os galhos emaranhados as pequenas patrulhas de soldados que cruzavam o pátio. Ofegante, sua respiração formando uma névoa no ar fresco, Odino se encostou nas pedras do muro e reuniu coragem — e fortaleceu seus joelhos trêmulos. Precisava encontrar Ivan antes que os homens do Capitão o localizassem; precisava manter o capuz de Lázaro no rosto. Mas, acima de tudo, ele precisava recuperar o fôlego. Em uma constatação impressionante e até mesmo perturbadora, ele sabia que estava em desvantagem numérica, sem cobertura e certamente sem tempo para fazer qualquer coisa além de... Com toda a força e resmungos, talvez se trate de uma tragédia que se desenrola rapidamente e se alastra por completo.

Quase trinta pés abaixo das sandálias de Odino e nas profundezas das catacumbas, a porta para

A cripta de Baston foi arrombada. Uma tocha tremulante sondou a escuridão. "Nós os pegamos! Aqui dentro!", gritou o portador da tocha pelo corredor. Deitado no chão, Ivan se mexeu quando uma avalanche de botas se aproximou. Soldados invadiram a cripta. Dois guardas ergueram Ivan.

"Onde está o frade gordo — Odino?", perguntou um soldado. Outro encontrou a máscara de Lázaro no chão e a entregou ao homem que interrogava Ivan. Além do cadáver, envolto em escuridão, um par de olhos profundamente azuis fitava o observador.

"Onde está o menino? Esta é a máscara dele, sim", perguntou o soldado. Silencioso como um rato de cripta, ele baixou a cabeça e puxou o excesso de tecido da túnica sobre a cabeça.

Vários homens passaram suas tochas sobre a sala, vendo-a vazia, exceto pelas fileiras de múmias encaixadas nas paredes. Ivan avistou um pedaço de túnica fresca atrás da múmia — a túnica de Lázaro. Ela se moveu ligeiramente.

"Devo ter caído. Estou sangrando? Vejam aqui?" Ivan perguntou, fazendo com que eles voltassem a iluminar seu corpo com as tochas.

"Não. Por que você está neste túmulo?"

Ivan esfregou o rosto e cambaleou, passando pelos soldados em direção à porta. Ele apertou a sua... braços e o deteve.

"Vim para rezar — e caí na escuridão. Não consegui encontrar o caminho."

"E essa máscara? Onde está o menino?"

"Ah, ele tem muitas máscaras assim. Aquela já está gasta — agora não passa de um trapo. Lázaro está confinado." para seus aposentos. "Por favor, preciso tomar um pouco de ar", Ivan se obrigou a ir até a porta. Os homens Dei uma última olhada na cripta e, relutantemente, o seguiu para fora.

"Onde fica o alojamento do rapaz?", perguntou o soldado.

"Descendo este corredor, vire à direita e o quarto dele será o primeiro à esquerda."

"E onde está o frade — Odino?"

"Ele estava na cela, no dormitório, pelo que me lembro. Preciso ver como está Lázaro."

Ivan se desvencilhou dos soldados. Eles o agarraram com mais força.

"Minhas ordens são para prendê-lo, frade. Você deve vir comigo."

"O quê?! Prisão?! E por quê?" perguntou Ivan, incrédulo.

O soldado dirigiu-se aos outros: "Todos vocês, continuem a busca — no alojamento do rapaz."

Ele se virou para Ivan e disse: "Perdoe-me, acho isso tão difícil para mim quanto talvez para você, frade. Estou apenas cumprindo ordens. Venha em paz, se quiser." Ivan concordou de bom grado.

Para Lázaro, a voz do soldado que partia se dissipou como um eco distante enquanto ele permanecia no... cripta, jazendo petrificado sob um sacerdote igualmente petrificado — o cadáver do primeiro

Abade Clairese Baston, da cripta Baston. Os restos mortais eram do sacerdote que selou Naramsin no túnel Benion, na esperança de enterrar para sempre a língua e os segredos da Pedra do Portal. E agora, o próprio cadáver do Abade Baston ajudava a proteger Lázaro de uma descoberta imediata, pois ele jazia completamente oculto sob seus restos mortais.

1 de outubro de 1347

Tanto para Lázaro quanto para Ivan, suas observações internas foram semelhantes: 'Foi um dia incomum.' Para a Abadia, sem o toque acolhedor do sino antes do amanhecer para as vésperas, ou os chamados para as refeições no refeitório, ou os badaladas notáveis para a meditação e oração noturnas nos dormitórios, simplesmente não havia qualquer vestígio de ritmo ou rotina dentro da Abadia em relação à sua eterna e sagrada programação de *ora et labora*. Sob o silêncio sepulcral do sino da catedral, era como se o próprio Tempo tivesse parado dentro das paredes da Abadia, estranhamente movimentadas. Lázaro e Ivan estavam presos, separados um do outro; Lázaro se mexendo sob um cadáver frágil e incessantemente estaladiço, e Ivan preso dentro da casa de banhos vigiada da Abadia, sem meios de escape.

Ao longo do dia, ambos perceberam a similaridade nos arredores da Abadia: onde as catacumbas normalmente seriam silenciosas, suas paredes agora ecoavam com as vozes distantes dos soldados, gritos, discussões e até mesmo risadas ocasionais. E onde o pátio da Abadia normalmente estaria silencioso, com monges imersos em solene meditação, o local fervilhava com soldados barulhentos, cavalos bufando e o tilintar de metais.

Havia, contudo, uma diferença gritante em seu sofrimento contínuo. Enquanto Lázaro jazia preso sob o corpo de um sacerdote morto, sua respiração úmida aquecia o espaço mínimo a um nível sufocante. O suor escorria por baixo de sua túnica pegajosa que retinha o calor. A nova umidade sob o cadáver ressuscitava o odor rançoso da decomposição com vigor renovado, que então preenchia o espaço apertado de Lázaro como um véu pútrido, palpável e crescente. E enquanto Ivan permanecia encurralado atrás de soldados cautelosos, ele quase morreu congelado no ar frio e aberto da casa de banhos de pedra. Ele caminhava em círculos ao redor da piscina da casa de banhos, protegido do frio apenas por uma túnica e sandálias. Ele não conseguia mais sentir a dor latejante em seus dedos das mãos e dos pés — era como se suas extremidades não existissem. Para Lázaro e Ivan, em sua miséria compartilhada, o Tempo se arrastou ao longo do dia aparentemente miserável e interminável. Finalmente, o crepúsculo e longas sombras se instalaram sobre a Abadia.

Enquanto dois soldados estavam de guarda do lado de fora da entrada principal da casa de banhos, Ivan observou novamente as janelas profundas e estreitas: 'Um menino conseguiria passar por elas facilmente, mas não um

'Homem de porte físico semelhante ao dele.' Ele sentou-se na beira do lago de pedra e observou a entrada vigiada, como fizera inúmeras vezes desde então — ainda sem uma rota de fuga fácil. Um dos homens entrou na casa de banhos e passou por ele. No canto dos fundos do edifício, parou numa plataforma elevada, afastou uma tampa de madeira e urinou-se. Por cima do ombro, perguntou a Ivan: "Então, por que você foi preso?" Ivan respondeu sarcasticamente: "Recusei-me a ouvir as confissões do seu capitão." O guarda deu uma risadinha, recolocou o bloco sobre o buraco e voltou para seu posto do lado de fora da porta. Ele murmurou algo para o outro guarda, que olhou rapidamente para Ivan e riu.

"*Psiu!*" um chiado veio da janela da parede dos fundos. A cabeça de Odino preencheu o buraco estreito.

Ivan correu até a janela: "Graças a Deus! Odino, onde está Lázaro?"

"Pelo que entendi, ainda estamos nas catacumbas. Os guardas ainda não nos encontraram."

"Odino. Escute-me. Traga muitas vestes — os braços cheios."

Você está com frio?

"Faça isso, Odino. Depressa."

Odino desapareceu e, por fim, retornou, espremendo o amontoado de tecido pela janela.

"Eu me escondo atrás dos arbustos da parede oeste", sibilou Odino.

"Ótimo! Vai!"

Odino escapou.

Ivan drapejou uma das vestes, deixando metade para dentro e metade para fora da pequena janela. Então, abriu uma das... Ele tirou as vestes e encheu a cavidade, as mangas e o capuz com o restante do tecido. Desamarrou-as. Ele prendeu seu cinto de corda no boneco, usando-o como um cinto. Em seguida, apoiou o boneco de costas para ele. os guardas, e ele caminhou até a parte de trás do balneário, onde deslizou a tampa de madeira da latrina e inclinou toda a plataforma para trás. Rastejou para dentro do buraco imundo e colocou a plataforma de volta sobre si, tomando cuidado para reposicionar o bloco de madeira sobre a abertura.

Momentos depois, ele ouviu passos e a voz do segundo guarda interrogando o manequim improvisado: "Então você se recusou a ouvir a confissão do capitão?" O soldado riu.

O guarda retirou o bloco de madeira da latrina e Ivan recostou-se, espiando pelo buraco, enquanto o guarda se preparava. E ele se preparou — Ivan fez uma careta quando a frente de seu robe caiu quente e úmida.

O soldado prosseguiu, olhando por cima do ombro e depois de volta para o boneco: "Nem o Diabo ousaria—"

O riacho parou. O guarda recuou bruscamente.

"*Sim!* Ele se foi! O frade se foi!"

O primeiro guarda veio correndo. O segundo apontou para o manto na janela: "Ele escapou!"

"É muito pequeno! Ele se esconde em algum lugar!"

Eles revistaram o balneário, revirando-o completamente, quando o segundo falou: "Eu digo que ele escapou! O Capitão já está decidido a ver cabeças rolarem, com aqueles outros dois ainda à solta! Estamos perdendo tempo aqui!" Juntos, eles saíram correndo pela porta e cercaram o prédio. Ivan jogou a latrina de madeira para trás, saiu do buraco com dificuldade e fugiu.

Logo depois, Ivan encontrou Odino acenando para que ele entrasse no mato. Odino o cumprimentou com uma expressão azeda. "O que você fez?" , perguntou, levando as mãos ao nariz e à boca. "Aconteceu alguma coisa?" "Muitos deles já... não é hora para isso, Odino."

Suas respirações embaçavam o ar frio do crepúsculo. Odino se afastou de Ivan, o rosto contraído pelo odor persistente.

"O que você sabe, Odino? Conte tudo."

"Pelo que entendi, o Cardeal pretende abrir a Pedra Fundamental. Ele está agora na catedral com Clódio, Greville e Grate. Ele ordenou que os monges e escudeiros fossem trancados no dormitório e o Capitão dobrou a guarda em todas as entradas."

"Lázaro não pode estar aqui quando tentarem isso — é extremamente perigoso. Precisamos trazê-lo." Partiremos da Abadia esta noite. Você se juntará a nós na partida?

"De fato!"

"Então partiremos para a Boca da Montanha esta noite. A comida e a água — você as garantiu?"

"Ivan, os mantimentos estão na minha cela; no entanto, não consigo passar pelos guardas."

"Então iremos sem provisões", declarou Ivan, olhando para as estrelas. "Vou buscar Lázaro agora mesmo."

"Ele não teria saído das catacumbas por conta própria", sugeriu Odino. "Talvez pelo Poço? Ele se esconderia—"

"Ele está na cripta de Baston. Fique aqui." Ivan passou por ele arrastando os pés, atravessou os arbustos e correu para a entrada lateral do prédio que abrigava a catacumba. Entrada.

Odino então ouviu gritos furiosos vindos do outro lado do prédio e espiou por entre a densa vegetação para observar a confusão. O Capitão Bourne e vários guardas com tochas circulavam pela esquina. Bourne apontava para todos os lados, dando ordens enquanto gritava: "Isolem o prédio! Vocês quatro, formem uma dupla ali – quero postos costas com costas! Vocês todos, posicionem-se do outro lado, com espaço entre si!

Vocês seis, fiquem aqui! Tranquem todas as portas e janelas! O resto de vocês, venham comigo! Movam

Então o Capitão acrescentou, ainda gritando, mas agora mais para si mesmo: "Permitiram que ele escapasse!" "Seus incompetentes!" Uma massa de soldados invadiu a entrada principal do prédio, enquanto outros protegiam a entrada lateral, por onde Ivan havia entrado recentemente. ele mesmo.

Odino jogou a cabeça para trás contra a parede, fechou os olhos, cerrou os dentes e socou as pedras — uma tragédia completa.

Ivan correu pelo corredor principal, gritando por Lázaro. Quase instantaneamente, Lázaro virou a esquina do túnel que levava à Cripta de Baston. Eles se abraçaram em um abraço aberto.

Ivan o arrancou dos braços dele e o sacudiu pelos ombros. "Escute-me, Lázaro! Faça o que eu digo!"

Você entende?"

"Sim, pai."

"Vamos embora agora! Não parem e não falem! Depressa, fiquem perto de mim!"

Ivan o soltou, virou-se e correu de volta pelo túnel, com Lázaro seguindo-o de perto como um fantasma corcunda de anão. Eles dobraram a esquina para o corredor da escadaria e pararam abruptamente.

À frente deles, o Capitão Bourne desceu as escadas com uma multidão de soldados logo atrás.

"Chega. A perseguição acabou, padre."

Ivan se colocou diante de Lázaro. Era inútil.

Ele baixou os ombros. "Iremos em paz." Ivan forçou um sorriso, curvou-se e juntou as mãos como um bom frade.

"Sim, certamente. Agora, onde está o gordo?"

"Frei Odino?"

"O mesmo."

"Não sei onde ele está."

Bourne inclinou-se para perto do rosto de Ivan; "Eu deveria estar com o seu Abade agora, mas me encontro perseguindo dois monges desajustados e um escudeiro corcunda pela Abadia. Você veio me irritar. Agora, já que todos os padres estão no dormitório — todos contabilizados, exceto o gordo — e já que sei que não havia vestes sacerdotais na casa de banhos antes da sua prisão, Vou perguntar mais uma vez. Onde ele está? Aguado uma resposta.

"Como eu disse, não sei onde—"

Bourne virou-se, girou e acertou um soco no queixo de Ivan. Lázaro sibilou.

"Lázaro!" Ivan o deteve. Ivan avançou, distraído a todos com um soco cerrado no queixo do Capitão. Os guardas o contiveram enquanto Bourne se recuperava da dor.

“Ah, um padre com fogo dentro de si”, disse Bourne, limpando o sangue do lábio curvado. Ele ordenou aos seus homens: “Afastem-no. O rapaz parece mais um animal.”

Os guardas empurraram Ivan, que se debatia, para trás. Lázaro saltou para trás; seus olhos vazios fitavam Bourne.

"Eu disse que iremos pacificamente", cuspiu Ivan, "Só não machuquem o menino! Ele está doente!" Vários guardas recuaram. Mesmo assim, o capitão, resolutivo, murmurou: "Quero ver o rosto dele". Ordenou ao guarda mais próximo: "Você. Tire a máscara."

"Não! Você não pode fazer isso!" , gritou Ivan, debatendo-se.

O soldado agarrou o capuz de Lázaro e o arrancou. Soldados horrorizados se espalharam. um estrondo de armas desembainhadas.

"Sibilo!" Lázaro cuspiu na direção de Bourne, que se afastava; olhos azuis arregalados, cabelos negros e selvagens, orelhas compridas achatadas e presas ameaçadoras.

"Um menino diabólico!" exclamou um. Outros murmuraram em espanto.

"Não!" Ivan se desvencilhou e arremessou o guarda mais próximo contra a parede. Vários guardas o cercaram e ele os jogou para todos os lados como um gigante enlouquecido. Com a sala em caos, Bourne avançou sobre Ivan e cravou uma adaga de cabo branco sob suas costelas. Ivan arquejou e cambaleou para trás. Ele gritou, ofegante: "Corra, Lázaro!"

Lázaro testemunhou a faca, o sangue e algo — uma coisa terrível aos olhos de Ivan.

"Grito!" O grito agudo de Lázaro cortou o ar. Soldados ensurdecidos ficaram estupefatos.

Ivan caiu no chão e gemeu: "Depressa, rapaz! Agora!" Com a entrada da catacumba completamente selada, Lázaro girou e voou pelo corredor principal , adentrando os túneis como um espectro em chamas.

Os soldados pararam abruptamente, baixando as armas, trocando olhares atônitos entre si e encarando Ivan e Bourne. Para Bourne, Ivan gemeu: "Ele não quer fazer mal a ninguém. Seu coração está com Deus. Imploro, deixe -o ir — deixe-o ir." Então, virou a cabeça, suspirou e lançou um olhar sonolento e vazio para o nada, exceto por uma fenda na parede.

No silêncio que se seguiu, Bourne ergueu o olhar para avistar seus homens examinando a adaga em sua mão, a lâmina manchada com o sangue do padre. Abruptamente, limpou-a, embainhou-a e quebrou o silêncio: "Prosseguindo". Virou-se e subiu as escadas, seus homens abrindo caminho como um mar Morto que se separa; parou e dirigiu-se a eles: "Prendam-no; nada de espadas ou lâminas; quero aquele garoto diabólico — ileso". Seus homens permaneceram ao seu redor, imóveis como estátuas.

"Agora!"

Seu sargento respondeu: “Vocês ouviram o Capitão! *Movam-se!* Catacumbas!” Os soldados desembainharam suas espadas e avançaram atrás dele. As ordens do sargento ecoaram pelo túnel: “Vocês três, por ali! Verifiquem aquelas portas! Vocês dois lá dentro! Procurem em cada fresta e rachadura!”

Na escadaria, Bourne murmurou para si mesmo e para seus homens: "Nenhum sacerdote de verdade protege uma besta." Chamou seis deles: "Venham comigo. Confio que já prepararam minhas tropas no pátio."

Ao que um deles afirmou: "Sim, capitão. Cem homens altos — aguardando ordens."

Bourne olhou por cima do ombro para os restos mortais de Ivan, estreitou os olhos e subiu as escadas a passos largos.

"Vamos acabar com isso de uma vez por todas."

[Fim do Capítulo 6]



Esta obra literária foi criada e exclusivamente em dedicação de

Edgar Allan Poe (1809-1849)

— Que seu legado viva em todos nós —



~[GothicNovel.Org](https://www.gothicnovel.org)~